**III Conferência**

**EVANGELIZAÇÃO e *MISSIO AD GENTES*:**

**FENOMENOLOGIA DA CONSCIÊNCIA MISSIONÁRIA HOJE**

***A Igreja é missionária por natureza***

**1.** "Há uma necessidade imperiosa de evangelizar as culturas para inculturar o Evangelho", afirma o Papa Francisco no início do parágrafo 69 de sua recente Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG), referindo-se tanto aos países (1) "*de outras tradições religiosas*", quanto aos (2) "*de tradição católica*", como os (3) "*profundamente secularizados*".

**2.** Em síntese, aqui encontramos os sujeitos da evangelização, com uma extensão do termo para três situações que nestes últimos cinquenta anos se delinearam bem. Na verdade, o Papa fala, a meu ver, sem conotação prévia do termo, de primeira, segunda ou nova evangelização. A distinção entre a expressão tradicional *missão ad gentes* ou *primeira* evangelização e *nova evangelização* ocorreu de forma específica nos últimos 30/35 anos, ou seja, a partir de Papa João Paulo II, quando ele a usou pela primeira vez em sua Homilia em Mogila (9 de junho 1979) e depois em *Novo millennio ineunte* (2001). A expressão foi mais tarde usada por Bento XVI que a consagrou com a criação do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização (21 de setembro de 2010). Segundo alguns estudiosos, já nos documentos conciliares *Gaudium et spes* e *Ad Gentes* (1965) se encontram os pródromos da questão, que gradualmente foram definidos melhor com o magistério sucessivo: Paulo VI na *Evangelii nuntiandi* (1974) e João Paulo II na *Christifideles laici* (1988). A exigência de enfrentar com novo impulso nos métodos, nas formas e com um renovado anúncio do Evangelho era comumente vista como indispensável depois das profundas transformações sociais. O termo *pastoral*, que durante décadas expressou o compromisso de catequizar em vários níveis (crianças e adultos), tempos (pré-sacramental, homilias, circunstâncias específicas) e modos (adolescentes, jovens, casais, trabalhadores e idosos), parecia não sempre adapto a responder adequadamente às expectativas de pastores e agentes pastorais, porque a globalização tinha misturado não só os aspectos sociais da vida, mas também a praxe pastoral e as mesmas categorias às quais se dirigia.

**3.** Na visão eclesiológica do Papa Francisco vejo uma exigência clara de distinguir, através dos indivíduos aos quais se dirige, a perspectiva de evangelização. Embora as realidades sociopastorais não tornam sempre bem definíveis os confins, todavia, a identificação do destinatário da mensagem é fundamental; de fato, o Papa diz, “*o compromisso evangelizador se move por entre as limitações da linguagem e das circunstâncias”* (EG 45), uma vez que *“não poderemos jamais tornar os ensinamentos da Igreja uma realidade facilmente compreensível e felizmente apreciada por todos*” (EG 42). Devemos acrescentar que o Papa Francisco considera a perspectiva missionária uma exigência obrigatória, que não corresponde à “*autopreservação*”, mas “*uma escolha... capaz de transformar tudo*” (EG 27) em todos os níveis institucionais, nas pequenas comunidades, movimentos e outras formas de associação, aliás, prospecta que “*cada Igreja particular, porção da Igreja Católica sob a guia do seu Bispo, é chamada à conversão missionária*” (EG 30).

***Missão ad gentes***

**4.** A evangelização de outras tradições religiosas corresponde à evangelização *ad gentes.* Ninguém usa mais o termo ‘pagão’[[1]](#footnote-1), utilizado no passado, com as conotações negativas que se cristalizaram em torno dele, quase que nas culturas mais simples, ou por assim dizer, primitivas, não existia um significado sociocultural e religioso digno de atenção. A antropologia das últimas décadas revisou profundamente tanto a mentalidade quanto a terminologia de referência em relação às expressões sócio-religiosas. Já o Decreto conciliar sobre a atividade missionária da Igreja, desde o seu início, quis falar sobre “**gentes**” (AG 1), às quais a Igreja, por mandato divino, é enviada a ser *«sacramento universal de salvação»* (LG 48) e, portanto, cumprir o mandato de Jesus: (a) recapitular todas as coisas em Cristo, (b) constituir uma só família e um só povo de Deus (cf. AG 1). Segundo o Vaticano II, portanto, a atividade missionária *ad gentes* “*difere tanto da atividade pastoral realizada em meio aos fiéis quanto das iniciativas a serem tomadas para a recomposição da unidade entre os cristãos*” (AG 6). Não aprofundando este segundo aspecto, que será abordado depois pelo Concílio com o Decreto *Unitatis Redintegratio*, que sucessivamente, será executado tanto pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, quanto pelas relativas Comissões das Conferências Episcopais Nacionais, me detenho sobre a *missão ad gentes* como anúncio do Evangelho através das «missões», na perspectiva de fundar a “*Igreja em meio aos povos e grupos que ainda não creem em Cristo*” e desenvolver “*Igrejas particulares indígenas*” (AG 6).

**5.** Durante o Concílio Vaticano II a presença evangelizadora nos territórios de missão era quase totalmente garantida por bispos missionários provenientes de institutos, congregações e ordens religiosas originais e compostas de pessoas dos países de antiga tradição cristã. A presença de bispos autóctones da África, Ásia e Oceania era exígua.

Na abertura do Concílio Vaticano II, dos 2.540 Padres Conciliares presentes, cerca de 600 Bispos eram provenientes dos territórios de missão. Entre os 160 Padres eleitos nas diversas Comissões do Concílio, somente 16 trabalharam nos territórios dependentes da então “Sagrada Congregação de Propaganda Fide” e, é de sublinhar que naquele tempo, estavam sob a jurisdição da mesma um total de 751 circunscrições eclesiásticas (Arquidioceses, Dioceses, Abadias territoriais, Vicariatos apostólicos, Prefeituras apostólicas, Missões *sui juris*), assim distribuídas: 257 em África; 81 em América; 334 em Ásia; 19 na Europa; e 60 em Oceania.

Hoje, as Igrejas missionárias[[2]](#footnote-2) que dependem da Congregação para a Evangelização dos Povos são 1.110 (ou seja, 506 na África, 80 na América, 478 na Ásia e 46 na Oceania), ajudadas quase inteiramente por agentes autóctones: sacerdotes, religiosos, religiosas e catequistas. Os católicos estão crescendo de forma constante, ao mesmo tempo em que diminuiu fortemente os missionários que uma vez vinham da Europa e América do Norte. A obra missionária proveniente de países ocidentais tinha de fato se beneficiado da última grande onda de vocações dos anos 50 e 60 do século passado, ou seja, entre a época pré-conciliar e a imediatamente pós-conciliar. Mas, enquanto diminuía fortemente os missionários de origem ocidental aumentavam consideravelmente os seminários, institutos religiosos autóctones e as primeiras vocações missionárias provenientes do México e América do Sul, onde muitos institutos missionários históricos, intuindo a crise iniciada na Europa e na América do Norte, tinham aberto suas casas em países como Filipinas e Índia (Kerala). Hoje, nos territórios que dependem da Congregação para a Evangelização dos Povos existem:

96 institutos universitários agregados ou afiliados à Pontifícia Universidade Urbaniana; 364 Seminários Maiores (21.825 seminaristas); 406 Seminários Menores (4.184 propedêuticos, 47.143 menores); 1.882 noviços; e 4.139 noviças.

**6.** Nos cinquenta anos pós-conciliar a tradicional *missão ad gentes* passou na Igreja por uma profunda transformação. Aqui podemos individuar alguns macrofenômenos:

a) A forte perda de impulso missionário nas vocações, embora, por outro lado, na Igreja fosse elevada a sensibilidade em relação ao processo de desenvolvimento dos povos[[3]](#footnote-3), já bem intuído e expresso por Paulo VI em sua Encíclica *Populorum Progressio* (27 de março de 1967); nela o Papa observava que o desenvolvimento dos povos, especialmente daqueles que lutavam para se libertar do jugo da fome, da miséria, das doenças endêmicas, da ignorância e buscavam uma participação mais ampla nos frutos da civilização, uma valorização mais ativa de suas qualidades humanas, se movia com decisão em direção à meta de uma plena vivacidade. E acrescentava: *“Após o Concílio Ecumênico Vaticano II uma renovada tomada de consciência das exigências da mensagem do Evangelho impões (à Igreja) de se colocar a serviço dos homens, para ajudá-los a entender todas as dimensões deste grave problema e convencê-los da urgência de uma ação solidária nesta virada da história da humanidade”* (PP 1) [[4]](#footnote-4).

b) O aumento da solidariedade eclesial aos países missionários e em fase de desenvolvimento que tirará proveito dos fortes progressos econômico, industrial e comercial do Ocidente. De fato, por exemplo, o Óbolo do Dia Mundial das Missões não diminuiu; na Alemanha, Espanha, Itália, Estados Unidos e Canadá as doações para as missões e os projetos humanitários cresceram significativamente. A própria Santa Sé deu origem a importantes Fundações[[5]](#footnote-5) com a ajuda de doações generosas; os governos e as organizações internacionais governamentais patrocinaram projetos importantes, embora, e não raramente, ambíguos e ideologicamente discriminatórios.

c) O laicato católico, sob o impulso do Concílio Vaticano II, que no Decreto *Ad Gentes* havia falado de “*estrito dever*” de todos os fiéis na *cooperação missionária* e desejado que ele sentisse “*como própria a atividade missionária”* (nº 36), iniciava os primeiros passos, tanto no âmbito de indivíduos, quanto no nível de famílias, enquanto várias institutos missionários abriam suas portas para a cooperação com as organizações não-governamentais e associações que se multiplicavam com um formidável ulterior impulso criativo.

d) Outra transformação, no entanto, estava ocorrendo dentro das Igrejas particulares e dizia respeito a dois aspectos: **os missionários** - com a consolidação das vocações *fidei donum*, desejada por Pio XII na Encíclica de 21 de abril de 1957[[6]](#footnote-6) e recomendada pela *Ad Gentes* no nº 39 (sobre o dever missionário dos sacerdotes) – e o trabalho de **cooperação entre as Igrejas**, que tinha encontrado consagração no nº 37 desse mesmo documento conciliar, sobre a participação mais ativa e envolvente das comunidades cristãs, diocesanas e paroquiais na evangelização. A propósito do missionário *fidei donum,* historicamente entendido como fluxo de sacerdotes das regiões ocidentais para a África, Ásia e América, nos últimos vinte e cinco anos começou o fenômeno inverso por causa da crise de vocações sacerdotais e religiosas, masculinas e femininas em toda a Europa e na América do Norte e em alguns casos também na América Latina e Caribe, pelo qual hoje muitos sacerdotes da África e da Ásia (Vietnã, China e Filipinas) partem para as mesmas áreas continentais, a pedido de dioceses sem vocações suficientes. Então, quem no passado tinha recebido, hoje, por sua vez, concede. Sobre este fenômeno migratório intra-eclesial, a tentação é que às vezes sacerdotes, religiosos e religiosas sejam atraídos pelas melhores perspectivas econômicas para si e suas famílias, em vez de um verdadeiro e genuíno sentido pastoral e eclesial. A Congregação para a Evangelização dos Povos chamou repetidamente a atenção dos bispos, recomendando que, entre as dioceses *a quo* e as *ad quem*, exista sempre um acordo claro e temporário, desencorajando os bispos a concederem permissões para aqueles que pedem para migrar, ou para aqueles que se formaram em universidades e institutos superiores a fim de que Igrejas de origem não fiquem sem pessoas qualificadas e bem preparadas.

**7.** Gostaria de falar agora sobre a questão da **cooperação entre as Igrejas particulares**. É um aspecto, como referido anteriormente, fortemente recomendado pelo Concílio Vaticano II (cf. AG 37) que se desenvolveu de várias formas: em primeiro lugar, no âmbito da consciência e participação missionária que envolve o envio de missionário *fidei donum* (religioso e leigo) em forma temporária e estável: a doação de vocações na maior parte da África e da Ásia para a Europa e para a América do Norte, formas de adoção vocacional da parte das Dioceses mais ricas com bolsas de estudo, tanto nos países de origem das vocações quanto nos países de doadores e enfim, o patrocínio de projetos econômicos seja religiosos seja sociais. Esta cooperação entre as Igrejas particulares não pode e não deve substituir o zelo que o Papa, como Pastor da Igreja universal, tem para com toda a Igreja, a fim de garantir que para as Igrejas missionárias nunca falte o mínimo necessário para sua subsistência. Equanimidade que hoje é garantida pelas Pontifícias Obras Missionárias, segundo a intuição profética da Venerável **Pauline Marie Jaricot**, que em 1822 em Lyon fundou a Obra para a Propagação da Fé para permitir que todos os missionários pudessem contar com o apoio espiritual e material de todos os fiéis sendo eles engajados na obra de evangelização.

**8.** Em termos de geografia missionária, África, Ásia e Oceania registram uma profunda transformação devido à criação de muitas dioceses que gradualmente se tornaram um pouco autossuficientes em termos de agentes eclesiástico e religioso do local. Os fiéis muitas vezes passaram da minoria para a maioria; por vezes constituem minorias muito significativas, outras vezes, mesmo mantendo estatisticamente pequenas entidades, se tornaram autossuficientes e desempenham um papel ativo e não secundário a serviço das populações locais através de escolas, universidades, dispensários, hospitais, centros de formação profissional, projetos humanos e sociais. Não raramente, a estas novas e jovens Igrejas se reconhece um papel de elevado valor moral e social, sendo capazes de veicular princípios e ideais humanos e cristãos. No seu interior, essas jovens Igrejas particulares estão assumindo um papel significativo também na obra da primeira evangelização de seus territórios diocesanos, embora nem sempre o clero diocesano responda com a generosidade que se espera em campo similar. Por outro lado, também é necessário ter ao mesmo tempo bons párocos para as paróquias já constituídas e bons missionários *ad gentes*. Uma dificuldade que encontram as Igrejas jovens numericamente menores é a disponibilidade econômica limitada, e se vê o fenômeno que, se de um lado não encontra clero para o ministério paroquial e missionário, de outro os poucos sacerdotes preferem se dedicar à direção de escolas, subsidiadas pelas autoridades civis, das quais recebem um salário que as paróquias pobres são incapazes de fornecer.

**9.** No contexto da mutação da *missão ad gentes*, estas Igrejas jovens, no âmbito nacional, se organizaram em Conferências Episcopais, segundo a jurisprudência. Agora não há país que não tenha a sua própria Assembleia de Bispos, ou que as grandes regiões continentais, por similitude de cultura, língua e contingência geográfica, não se beneficiam de instituições inter-conferenciais: eu poderia citar aqui, por exemplo, na África a *Associação das Conferências Episcopais da África Central, do Sul, Ocidental e Oriental*; na Ásia, *a Federação das Conferências Episcopais da Ásia (FABC)*; no Pacífico, *a Federação das Conferências dos Bispos Católicos da Oceania*. Depois existem as inter-rituais, tais como o *Conselho da Igreja Etíope* (que contém coptas e latinos) ou da *Conferência dos Bispos Católicos da Índia*, que reúne os prelados latinos, siro-malabarense e siro-malancarese.

**10.** Dois Sínodos para a África (1994 e 2009) e um Sínodo respectivamente para a Ásia (maio de 1998) e Oceania (novembro/dezembro de 1998) evidenciaram as novidades, problemáticas e expectativas de toda a Igreja em relação aos continentes e Igrejas daqueles continentes para com toda a Igreja. Dizia o Beato João Paulo II: como no primeiro milênio a Cruz foi plantada no solo Europeu e no segundo milênio no solo Americano e Africano, se esperava que no terceiro milênio a Cruz se difundisse por toda a Ásia, tão vasta e rica energias (cf. Ecclesia in Asia, 1). Até o Papa Bento XVI, na *Africae Munus*, reiterou que “*o compromisso da África para o Senhor Jesus Cristo constituía um precioso tesouro que confiava aos Bispos, sacerdotes, diáconos permanentes, pessoas consagradas, catequistas e leigos*”(AM 1), quase significativamente passando o bastão do compromisso missionário para as mãos das Igrejas locais e reconhecendo-lhes um papel cheio de entusiasmo no anúncio do Evangelho. O Papa João Paulo II recordou à Oceania que no milênio passado, a Igreja tinha ido se estabelecer no Pacífico e que a fé em Jesus Cristo deu profundidade ao crer daqueles povos, desde os tempos antigos movidos pela presença divina, pelas riquezas da natureza e suas culturas (cf. *Ecclesia in Oceania*, 1).

***Evangelização ad gentes nos países de tradição cristã***

**11.** "*É urgente recuperar o caráter da luz da fé, pois quando sua chama se extingue todas as outras luzes acabam perdendo sua força*" (LF 4): assim escreveu o Papa Francisco em sua primeira Encíclica *Lumen Fidei* retomando a preocupação de muitos Bispos pela crise produzida pela secularização que envolve toda a Igreja, particularmente nos países ocidentais. Para dar um impulso na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, disse que «sonha» uma Igreja “em saída missionária” (EG 17), *“capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual”;* ele de fato não ama *a “autopreservação”* (EG 27).

**12.** A preocupação do Papa diz respeito a toda a Igreja, embora seja mais viva em relação às Igrejas historicamente mais antigas. Essas Igrejas, de fato, não possuindo mais a característica de homogeneidade de uma vez, devem enfrentar uma perda notável de fé de suas próprias populações, com a presença agressiva de numerosas seitas e com a expansão do Islã, do Budismo e do Hinduísmo como resultado do deslocamento de milhões de migrantes, ou por trabalho, ou por conflitos político, militar e religioso, ou por causa do fenômeno da mobilidade turística. Essas Igrejas que uma vez eram caracterizadas pela homogeneidade religiosa e cultural, agora estão se tornando, ou já se tornaram, multicultural e multi-religiosa. Neste contexto, as vocações sacerdotais e religiosas diminuíram, também por causa da falta de natalidade em muitos países (cf. EG 107). O Papa chama tudo isso de “*desafios”* (EG 110) e exorta a não deixar-se “*roubar a força missionária”* (EG 109), nem a deixar-se levar por um “*pessimismo estéril”* (EG 84), ou por um *“sentimento de derrota”* (EG 85) que leva à perda da esperança (cf. EG 86).

**13.** Não pretendo aqui entrar na questão da evangelização como uma dimensão constante da atividade pastoral que deve estar sempre presente na vida das paróquias e das Igrejas particulares. Em vez disso, quero chamar a atenção, mais uma vez, sobre a *missão ad gentes* que agora deverá ser mantida em consideração, de forma mais ou menos ampla, nas dioceses que uma vez tinham uma fisionomia homogênea ou eram historicamente marcadas pela presença cristã não católica, ao lado da católica. O fenômeno da migração nos leva a preocupar com os não cristãos que às vezes, estavelmente e às vezes de forma não permanente (por exemplo, trabalhadores sazonais ou ocasionais) vivem em nossas dioceses. Também a eles o Evangelho deve ser anunciado, segundo o ensinamento Paulino de 2 Tm 4, 1ss: proclama a palavra, insiste, no tempo oportuno e no inoportuno, refuta, ameaça, exorta com toda paciência e doutrina, faze o trabalho de um evangelista, realiza plenamente o teu ministério. Esta nova dimensão da pastoral em nossas Igrejas representa um novo desafio, mesmo porque, muitas vezes, aquele que vive fora de suas terras e culturas, se bem recebido, se abre mais facilmente ao anúncio do Evangelho. É diferente quando no território surgem mesquitas e templos não cristãos, onde o anúncio do Evangelho não poderá ignorar uma presença diferente. Neste contexto, a metodologia pode ou deverá se diferenciar, tendo de recorrer a novos mecanismos de ordem cultural, de ordem inter-religiosa e social, representando um desafio mais complexo seja para os pastores seja para o povo de Deus.

**14.** No contexto de uma nova geração de não batizados, como por exemplo, os filhos de pais que omitiram o batismo de seus filhos ou porque perderam o sentido da própria fé ou por causa de uma suposta liberdade a ser exercida pelos filhos na idade adulta, podemos falar de *missão ad gentes?* Creio que sim! Especialmente se a geração de não batizados, além de numericamente, se encontra na idade adulta, onde outras preocupações da vida fazem passar ​em segundo plano a sensibilidade religiosa. Creio que neste contexto, uma grande obra missionária pode ser realizada pelos movimentos leigos e associações de fiéis. Tenho de dizer com satisfação que alguns desses movimentos ganharam uma consciência missionária extraordinária, que deveria ser mais valorizada pelos pastores. Dimensão que chega até a mudança de famílias para contextos de forte secularização ou ateísmo prático, como por exemplo, em muitos países da Europa Central e Setentrional, nas periferias marginalizadas de nossas cidades ou em contextos não cristãos (como por exemplo no Japão). Gosto quando o Papa Francisco escreve que temos diante de nós hoje “*um povo de muitas faces*” (EG 115) e que “*todos somos discípulos missionários*” (EG 119) onde de fato, hoje, a dimensão tradicional da pastoral deve se unir à *missão ad gentes* e onde à *missão ad gentes* dos países chamados missionários, hoje já está unida a re-evangelização dos próprios batizados: “*O mandato missionário do Senhor inclui o apelo ao crescimento da fé ... daqui se vê claramente que o primeiro anúncio deve desencadear também um caminho de formação e de amadurecimento” e que “evangelização procura também o crescimento*” (EG 160).

***Evangelização ad gentes na América Latina***

**15.** Por ocasião do CAM 4 - Comla 9, realizado em Maracaibo, Venezuela, entre o final de novembro passado e início de dezembro, tive a oportunidade de tratar amplamente alguns aspectos relativos à evangelização *ad gentes* na América e fora da América. Gostaria de sugerir a quem tem alguma curiosidade a consultar o texto. Gostaria de dizer que um dos aspectos que mostram um crescimento na consciência missionária dentro da Igreja latino-americana e brasileira em particular, pode ser visto na celebração de periódicos congressos missionários (os Comla, Congressos Missionários Latino-americanos), que depois envolveram todo o continente americano (os CAM, Congressos Missionários Americanos). Sem dúvida, se trata de momentos muito importantes em que o Povo de Deus toma consciência da própria responsabilidade missionária e promove a animação nos níveis locais, regionais e nacionais. Deve ser dito que os Comla tiveram origem nos Congressos Missionários Nacionais do México (Torreón 1977, Tlaxcala 1983) e por inspiração e promoção das Pontifícias Obras Missionárias (POM); também recordamos o de Belo Horizonte (Comla 5, 1995) sobre o tema “*O Evangelho nas culturas. Caminho de vida e de esperança*”. Em meu discurso em Maracaibo quis em particular recordar mais uma vez a responsabilidade da América em geral, e da América Latina em particular, na evangelização *ad gentes*.

**16.** Não se pode pensar que uma região, como a latino-americana, que no âmbito de Igreja universal nos deu um Papa na pessoa do Cardeal Bergoglio, não possa dar e fazer mais, tendo por cinco séculos recebido tanto em termos de fé, de missionários e apoio econômico! Para ser justo, devo salientar que do Concílio até hoje, a América Latina já deu uma resposta significativa; penso, por exemplo, aos muitos missionários, homens e mulheres provenientes do México, Brasil, Colômbia e Argentina que através de institutos missionários estão hoje presentes na Ásia e na África. Mas acredito que se possa fazer muito mais! Este foi o meu grito: "*Coragem América, coragem América Latina, você pode dar e fazer mais*!” Gostaria também aqui no Brasil de reacender o entusiasmo pelo anúncio do Evangelho, retomando o grito do Pastor desta Cidade, Dom Orani João Tempesta, que no encerramento da Jornada Mundial da Juventude (28 de julho de 2013) disse que a celebração conclusiva da Jornada Mundial da Juventude *“não era uma festa de despedida, mas de partida para a missão, portanto, uma celebração de envio”* (L'Osservatore Romano, 29/30.7.2013), e acrescentou: *“somos todos convidados e enviados em missão*” prontos para assumir o *“compromisso de ser evangelizadores*” (ib.).

**17.** O melhor trabalho pastoral em nossas dioceses parte da sensibilidade que as Igrejas particulares têm pela paixão do anúncio do Evangelho para aqueles que não o conhecem, uma vez que o anúncio do Evangelho é o meio mais eficaz para dar novamente vitalidade e entusiasmo às nossas comunidades católicas. Os anúncio *ad gentes,* na verdade, faz parte da responsabilidade que todas as Igrejas particulares têm para com Cristo, já que como diz a *Ad Gentes*, e concluo: *“pertence a estas comunidades (diocesanas e paroquiais) dar também testemunho de Cristo perante as nações.* *A graça da renovação*, de fato, continua o documento conciliar, *não pode crescer nas comunidades, a não ser que cada uma dilate o campo da sua caridade até aos confins da terra e tenha igual solicitude pelos que são de longe como pelos que são seus próprios membros. Assim, toda a comunidade reza, coopera e exerce atividade entre os gentios, por meio dos seus filhos a quem Deus escolheu para este importantíssimo encargo”.* (AG 37).

**18.** Desejo à Igreja no Brasil uma consciência missionária profunda, não apenas *ad intra,* mas também *ad gentes*, na consciência de que uma Igreja amadurecida não deixará de ter no coração a obra missionária no mundo e que o entusiasmo pela evangelização seja semente de renovação espiritual e moral de nosso povo. *“Não nos deixemos roubar o entusiasmo missionário!”* (EG 80), grita o Papa Francisco em sua Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Peçamos a Nossa Senhora Aparecida, Mãe de Evangelização, para conceder à Igreja, como aos Discípulos reunidos no dia de Pentecostes, a explosão missionária, dom do Espírito Santo.

1. Em todo caso, o termo continua ainda presente em Ad Gentes (cfr. ad ex. O n.6). [↑](#footnote-ref-1)
2. Segundo as últimas estatísticas disponíveis (2013). É de salientar que muitas Circunscrições eclesiásticas, durante estes 50 anos, passaram para o direito comum, isto é, sob a jurisdição da Congregação para os Bispos, por exemplo, aquelas de países como Austrália, Albânia, Jugoslávia, Gibraltar, incluindo algumas de Brasil, América Central e Latina. [↑](#footnote-ref-2)
3. Era também o período da independência de numerosas nações que este ano estão celebrando o 50° aniversário de independência. [↑](#footnote-ref-3)
4. O magistério da Igreja interveio várias vezes no assunto, recordando as grandes encíclicas Rerum novarum de Leone XIII, a Quadragesimo anno de Pio XI, as radiomensagens ao mundo de Pio XII, a Mater et magistra e a Pacem in terris de João XXIII. [↑](#footnote-ref-4)
5. Fundação «Populorum Progressio» (1992), Fundação «João Paulo II para o Sahel» (1984). [↑](#footnote-ref-5)
6. O dom da fé, que por doação divina, leva para as almas dos fiéis uma incomparável abundância de bens, requer abertamente a nossa gratidão perene ao seu autor divino. A fé, de fato, nos introduz nos segredos dos mistérios da vida divina; nela se fundam todas as nossas esperanças; ela a partir dessa vida terrena reforça e consolida o vínculo da comunidade cristã, segundo a palavra do Apóstolo: «Um só Senhor, uma só fé, um só batismo». Ela é por excelência o dom que coloca em nossos lábios o hino de ação de graças: "O que darei ao Senhor por todos os seus benefícios?» O que oferecerei ao Senhor em troca deste dom divino, além do obséquio da mente, se não o nosso zelo para difundir entre os homens o esplendor da verdade divina? O espírito missionário, animado pelo fogo da caridade, é de alguma forma, a primeira resposta da nossa gratidão a Deus, no comunicar aos nossos irmãos a fé que recebemos. Considerando de um lado as incontáveis ​​multidões de nossos filhos que, especialmente nos países de antiga tradição cristã, são partícipes do bem da fé, e de outro a massa ainda numerosa dos que ainda estão esperando a mensagem de salvação, sentimos o desejo ardente de vos exortar, Veneráveis ​​Irmãos, a amparar com o vosso zelo a causa santa da expansão da Igreja no mundo. Queira Deus que após o nosso apelo o espírito missionário penetre mais profundamente no coração de todos os sacerdotes e, através de seu ministério inflame todos os fiéis!” (FD 1). [↑](#footnote-ref-6)